



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE, PB
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM
CURSO EM BACHARELADO EM JORNALISMO

ARNALDO LUIZ DOS SANTOS NETO

**JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZAÇÃO DO RELATO - UMA ANÁLISE DO
QUADRO DE HOMENAGENS DO FANTÁSTICO ÀS VITIMAS DE COVID-19**

CAMPINA GRANDE/PB

2022

ARNALDO LUIZ DOS SANTOS NETO

**JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZAÇÃO DO RELATO - UMA ANÁLISE DO
QUADRO DE HOMENAGENS DO FANTÁSTICO ÀS VITIMAS DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC
apresentado ao Centro de Ciências Sociais e
Aplicadas - CCSA, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Linha de Pesquisa: Mídia e Estudos Culturais

Orientador(a): Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

CAMPINA GRANDE/PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237j Santos Neto, Arnaldo Luiz dos.
Jornalismo literário e humanização do relato [manuscrito] :
uma análise do Quadro de homenagens do Fantástico às
vitimas de Covid-19 / Arnaldo Luiz dos Santos Neto. - 2022.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra ,
Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."

1. Jornalismo Literário. 2. Humanização da narrativa. 3.
Jornalismo literário. 4. Pandemia Covid-19. I. Título

21. ed. CDD 070.4

ARNALDO LUIZ DOS SANTOS NETO

**JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZAÇÃO DO RELATO - UMA ANÁLISE DO
QUADRO DE HOMENAGENS DO FANTÁSTICO ÀS VITIMAS DE COVID-19**

Trabalho de Conclusão do Curso – TCC
apresentado ao Centro de Ciências Sociais e
Aplicadas - CCSA, da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: 22 / 03 / 2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Prof. Ma. Rackel Cardoso Santos Guimarães
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Prof. Dra. Ligia Coeli Silva Rodrigues
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

Às pessoas que me dedicaram amor e que de alguma forma tornaram a minha caminhada até a conclusão deste trabalho mais simples. Seja neste plano, seja no outro.

Dedico este trabalho a vocês!

AGRADECIMENTOS

Poucas pessoas têm a sorte de serem amadas na vida e eu tenho muito o que agradecer por isso. Agradeço a Deus, por seu amor e zelo de pai. Por corrigir os meus erros e me enxergar como criança, sempre em processo de aprendizado. O seu amor me trouxe até aqui.

Agradeço as divindades colocadas ao meu lado como anjos, que protegem, guiam e me seguram pelo braço, me auxiliando a retornar sempre ao meu caminho. Não me deixando cair.

Agradeço aos meus pais, Arnaldo Luiz dos Santos e Maria Mercia dos Santos, que antes de preceptores, são meus companheiros de vida, me apoiando muito além das palavras que saem de sua boca, mas com gestos e atitudes que me lembram do amor que pulsa em nossas veias. Obrigado por me ensinarem a sentir.

Aos meus amigos, por me darem asas e me incentivarem a mostrar ao mundo o que existe do lado de dentro do meu peito, me ensinando sobre a coragem de sentir e ser quem se é e trazendo alegria e coragem para o meu dia a dia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	DO FACTUAL AO HUMANIZADO	12
3	O JORNALISMO LITERÁRIO COMO RECURSO PARA HUMANIZAÇÃO DA NARRATIVA TELEJORNALISTICA.....	16
4	QUADRO DE HOMENAGENS DO FANTÁSTICO: UM ESTUDO DE CASO	21
4.1	ANÁLISE DO QUADRO	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
6	REFERÊNCIAS	29

JORNALISMO LITERÁRIO E HUMANIZAÇÃO DO RELATO - UMA ANÁLISE DO QUADRO DE HOMENAGENS DO FANTÁSTICO ÀS VITIMAS DE COVID-19

LITERARY JOURNALISM AND THE HUMANIZATION OF THE REPORT – NA ANALYSIS OF THE FRAMEWORK OF TRIBUTE OF THE FANTASTIC TO THE VICTIMS OF THE COVID-19

Arnaldo Luiz dos Santos NETO¹
Ada Kesa Guedes BEZERRA²

RESUMO

Este artigo tem como finalidade analisar aspectos da narrativa do quadro de homenagens do Programa Fantástico, da Rede Globo, de modo a apreender como se efetivou a humanização da informação e quais as estratégias cênicas e discursivas, utilizadas para abordar o tema morte, no contexto de pandemia para além do modelo factual. O quadro foi inspirado pela iniciativa do site Inumeráveis.com que tinha o objetivo de conscientizar a população e homenagear as vítimas da COVID-19 nos primeiros meses de pandemia. Para isso, foram selecionados dois episódios do quadro de homenagens do programa Fantástico referentes ao mês de agosto de 2020, quando já estava em exibição há cerca de três meses. Como aporte teórico contribuíram leituras sobre jornalismo tradicional, responsabilidade social do jornalismo de Guedes (2009) e principalmente sobre humanização do relato, a partir de Ijuim (2011) e jornalismo literário com leituras de Sofia (2011) e Alves e Sebrían (2008).

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Humanização, Fantástico, Covid-19.

ABSTRACT

This article aims to analyze the elements of the narrative of the tribute panel of the Fantástico program on Rede Globo, inspired by the initiative of the website Inumeráveis.com and which aimed to raise awareness and honor the victims of COVID-19 in the first months of the pandemic. , in order to understand how the humanization of information took place and which scenic and discursive strategies were used. For this, two episodes of the tributes of the program Fantástico were selected for the month of August 2020, when it had been on air for about three months. As a theoretical contribution, readings on traditional journalism, social responsibility of journalism Guedes (2009) and Sousa (2006) and especially on the humanization of the report, from Ijuim (2011) and literary journalism with readings in Sofia (2011) and Alves e Sebrían contributed (2008).

Keywords: Literary journalism, humanization, Fantastic, humanized journalism.

¹ Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. E-mail: arnaldonetolui@gmail.com

² Professora do Departamento de Comunicação Social - DECOM, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Email: ada.guedes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado pela mudança no estilo de vida e rotina de pessoas no mundo todo. Com o surgimento e a proliferação dos casos de COVID-19, culminando em uma pandemia, era esperado que o Brasil fosse um dos países mais afetados pela crise que se alastraria pelo globo. O país, que já dava indícios de uma crise política com o início do governo Bolsonaro, sofreu com drásticas – e necessárias - imposições exigidas pela nova realidade, após a chegada do novo coronavírus. Setores do comércio foram afetados, o sistema de saúde sobrecarregou e o Brasil precisou parar e descobrir novas maneiras de seguir, em meio à realidade pandêmica.

A Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) realizada pelo IBGE no ano de 2020, mostra que a pandemia agravou a situação econômica do país e escancarou a necessidade de um plano emergencial para aqueles que precisaram abandonar os seus trabalhos e os grupos invisibilizados: Trabalhadores informais, sem condições de continuar com as suas atividades. Segundo a pesquisa, em 2020 houve queda significativa no número de trabalhadores com carteira assinada em cerca de 10 milhões de pessoas, se comparados aos números relativos ao segundo trimestre de 2019, somando pouco mais de 13 milhões de pessoas fora do mercado de trabalho, no período relativo à pandemia.³

No segundo trimestre de 2020, a taxa de desocupação ficou em 13,3%, com uma variação de 1,3% em relação ao primeiro trimestre de 2019. Segundo BRIDI (2020), “a crise e a deterioração do mercado de trabalho brasileiro antecedem a pandemia da COVID-19, mas se aprofundam exponencialmente e, como um fator social total, produzem-se repercussões em todas as direções”.⁴

A mesma crise que afetou o setor econômico do país, teve resultados expressivos no sistema de saúde brasileiro, que entrou em colapso com o aumento desenfreado no número de infectados pela COVID-19. Segundo dados do Ministério da Saúde, o Brasil terminou o mês de março de 2020, mesmo mês em que foi detectado o primeiro caso da doença no país, com 201 mortes e 5.717 casos confirmados de coronavírus.⁵

Em 20 de março de 2020, o governo federal publicou um decreto que declarava estado de calamidade pública em todo o território nacional. Segundo o jornal Folha de São Paulo, em abril de 2020, leitos ocupados por COVID-19 no Estado já beiravam 80% de ocupação nos

³ Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php> Acesso em: 16/07/2021

⁴ Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php> Acesso em: 16/07/2021

⁵ Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 19/07/2021

principais hospitais da região, antes do pico da doença no ano.⁶ A situação se agravava com a falta de apoio e propostas de contenção por parte do gestor de maior cargo do poder executivo, o presidente Jair Bolsonaro, que em suas declarações públicas, minimizava os impactos da pandemia. Segundo o Portal Terra (2020), “Bolsonaro usou termos como ‘Gripezinha’, disse que não morreriam nem 800 pessoas por COVID-19, chamou o Brasil de ‘país de maricas’, ignorou recomendações científicas e mostrou um apego inabalável à hidroxicloroquina”.⁷

Além disso, consecutivas demissões de ministros da saúde nomeados por Bolsonaro, desde o início da pandemia, principalmente devido a embates e desavenças quanto ao combate à COVID-19, dificultavam a conscientização da população. Iniciando por Luiz Henrique Mandetta, substituído pelo oncologista Nelson Teich, em consecutiva, pelo general Eduardo Pazuello, e chegando a Marcelo Queiroga, o atual ministro.

Segundo o jornal Folha de São Paulo, em reportagem publicada no dia 01 de setembro de 2020, o auge da pandemia no país, o mês de agosto de 2020 fechou com o número de 28.947 mortes por Coronavírus no Brasil, que já somava um total de 121.515 vítimas da COVID-19 desde fevereiro, quando o primeiro caso foi registrado.⁸

Com a crise no governo e a recusa do Ministério da Saúde em facilitar o acesso aos números diários da pandemia, meios de comunicação firmaram sociedade, no conhecido “Consórcio dos veículos de imprensa”. Além das informações levantadas, foram buscadas novas formas de conscientizar a população. De maneira independente, sistemas de comunicação passaram a veicular propagandas que incentivavam políticas de distanciamento social e a quarentena, além de atualizar os números diários da pandemia em sua programação habitual e incentivar o uso de máscaras.

Com a crescente constante no número de óbitos e novos infectados surgindo a todo momento, houve também a preocupação de validar estes números e incentivar a sensibilidade das pessoas, não deixando que as mortes se tornassem apenas números. Dentre essas iniciativas, destaca-se o quadro de homenagens do programa Fantástico, da Rede Globo, que, em alguns minutos, contava a história de populares, vítimas da COVID-19 no país, narradas por artistas e pessoas conhecidas da mídia, com o objetivo de despertar a empatia e a consciência dos telespectadores.

⁶ Disponível em: [Internações por Covid-19 em SP pressionam UTIs - 14/04/2020 - Equilíbrio e Saúde - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br/interacoes-por-covid-19-em-sp-pressionam-utis-14/04/2020-equilibrio-e-saude-folha) Acesso em: 19/07/2021

⁷ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/relembre-as-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia.html>. Acesso em: 01/04/2021.

⁸ Número que seguiu aumentando e até o encerramento desse artigo em 02 de março de 2022 e chegou a 651 mil, mas agosto foi o mês referenciado por se tratar de período no qual foram exibidos os episódios do quadro aqui analisado.

Para isso, o semanal passou a adotar novas estratégias discursivas, admitindo uma abordagem mais intimista e focada no personagem, a fim de entregar a sua mensagem e sensibilizar a audiência, através de meios que caracterizam o jornalismo humanizado e literário.

Este artigo tem, portanto, a finalidade de analisar os elementos da narrativa do quadro, de modo a apreender como se efetivou a humanização da informação e quais as estratégias cênicas e discursivas utilizadas. Para isso foram selecionados dois episódios do quadro de homenagens do programa Fantástico referentes ao mês de agosto de 2020, quando já estava em exibição há cerca de três meses.

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo. É exploratória pois conforme cita Oliveira (2021, p.21), “são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas idéias”. Um tipo de abordagem aplicada no início de “um processo de pesquisa mais amplo, em que se procura esclarecer e definir a natureza de um problema e gerar mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas conclusivas” (ZIKMUND, 2000 apud OLIVEIRA, 2021, p.21). É descritiva pois busca descrever características do objeto de investigação, no caso conteúdos de um quadro de um programa semanal de jornalismo, para fins de estabelecer relações entre variáveis e assim compreender nuances do fenômeno em tela.

Apesar da referência deste artigo quando se fala em jornalismo literário ser autores e obras produzidas para o impresso, o objeto de análise ora em tela é um texto produzido para a televisão. Ao ter como base, narrativas produzidas para o site Inumeráveis.com, o programa Fantástico faz uma adaptação dos contos, produzindo-os para um formato televisivo, que se aplica na narração dos atores e personalidades da mídia convidados para a produção das homenagens.

Como percurso teórico destaca-se a necessidade de uma abordagem sobre o que se convencionou chamar de humanização do relato ou narrativa humanizada. Uma temática que acaba convergindo para a apreensão do jornalismo literário.

É certo que ao se falar no imbricamento entre jornalismo e literatura, de imediato se evoca a concepção textual desse tipo de construção narrativa. Contudo, não é recente as discussões tecidas sobre essa prática do enunciador na TV. Fachine (2008) já mencionara que a dramaturgia não ficcional na televisão acaba favorecendo e mesmo gerando a visibilidade de personagens anônimos e de seus relatos. Cajazeira também já discutia sobre essa aproximação entre jornalismo literário e TV em 2010 e através de seus ensaios e artigos foi possível pensar no chamado Novo Jornalismo Literário ou Jornalismo Literário na TV.

Nesse sentido foram imprescindíveis leituras acerca das teorias e obras de Felipe Pena com foco no jornalismo literário, em especial no artigo “O jornalismo literário como gênero e conceito” (2007), Nídia Sofia Maria, em especial em sua tese “Jornalismo literário: Um olhar histórico para o gênero e suas características” (2011), os escritos de Jorge Kanehide Ijuim no artigo “Humanização e desumanização no jornalismo: Algumas saídas” (2012), dentre outros.

2. DO FACTUAL AO HUMANIZADO

O jornalismo sempre foi instrumento de grande força e apoio à sociedade na difusão de notícias e troca de informações. Caminha lado a lado à implantação de governos e serve de ponte para ligar a massa aos fatos ao redor do mundo. Sua função social, apesar dos interesses mercadológicos, é de levar conhecimento à população.

Através dessa constatação, o jornalismo pode ser considerado o olho que tudo vê e que através das imposições editoriais a que está envolvido, busca maneiras eficientes de levar dados e esclarecimentos ao grande público, com a incumbência de informar. No entanto, vale mencionar que a ideia da Teoria do Espelho já foi superada, de modo que o jornalismo não reflete incontestavelmente realidades, mas atua na construção de realidades. Seja de maneira direta ou não, a história demonstra que o Jornalismo é objeto de força massiva. Segundo Guedes (2009, p. 09),

Essa definição muitas vezes é associada a uma visão do jornalismo como “cão de guarda da sociedade”, que se regeria pelo “princípio da responsabilidade social” e pelo ideal de imprensa como o “quarto poder”. De acordo com essas percepções, o jornalista teria um status privilegiado diante das demais profissões, o que lhe delegaria o compromisso social de fiscalizar a sociedade e todas as suas instâncias, por meio da busca da verdade, se consolidando numa espécie de guardião dos direitos da sociedade.

Por ter a função social de levar conhecimento e a noção de construção de realidade a partir de um ponto de vista, o jornalismo é importante formador de opinião. Miguel e Biroli (2010) defendem que “O valor-guia do jornalismo ainda é a pretensa capacidade de expor o mundo ‘tal qual ele é’ a seus leitores, ouvintes ou espectadores”. Já Rocha (2008, p. 06) aponta que “O jornalismo utiliza veículos que materializam ideias, com vida e destinos próprios, usufruindo de uma estrutura e recursos humanos, o que muda é o conhecimento produzido pelo jornalismo e não as características dessa atividade: periodicidade, atualidade, universalidade e difusão”.

Ainda que defendendo a ideia de um meio de comunicação isento e livre de posicionamento, com compromisso apenas com a informação, características importantes de um bom jornalismo, aquilo que é mostrado e a maneira como os fatos são apresentados tornam-se pontos significativos para a construção de pensamento crítico do espectador, entregando a ele informações mastigadas, capazes de formar opinião, sem de fato emitir uma.

De acordo com Guedes (2009, p. 02):

A objetividade jornalística, compreendida como o apagamento total do sujeito no texto, é um alvo inalcançável. A narrativa não pode ser desvinculada do contexto social que a cerca, já que todo produto cultural traz, irrevogavelmente, as marcas do momento histórico em que foi construído. O sujeito - neste caso o jornalista -, inserido num tempo e espaço determinado, tem o seu pensamento constituído socialmente, ao passo que o seu discurso traz posicionamentos, ainda que não estejam explícitos no texto.

Nessa realidade, o jornalismo tradicional, ou factual, como também pode ser apresentado, surge como uma proposta de apoio à população, garantindo a repercussão e documentação de fatos cotidianos da maneira mais objetiva possível. O jornalismo factual se configura no reporte de fatos do dia a dia, assumindo caráter informativo e de tom esclarecedor. Esse modelo, que se configura pela linguagem direta e objetiva, com foco no fato e não no personagem, tem força na narrativa de acontecimentos diários e que necessitam cobertura ágil e sem desvios.

Segundo Beltrão (1992, p. 67), “jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública no sentido de promover o bem comum” e Alves e Sebrían (2008, p. 02) completam afirmando que “o jornalismo é o elo que cria e mantém as mediações que viabilizam o direito à informação nos processos sociais”.

O objeto de comercialização do factual é a notícia, que, segundo Hernandes (2006, p. 24) “é a hierarquização dos fatos, também fruto de uma visão de mundo, dentro de um objetivo de despertar curiosidade, crenças, sensações e ações de consumo do próprio meio de comunicação”. Para que um conteúdo seja considerado notícia, o fato deverá ser tratado, de acordo com as experiências do repórter, e avaliado segundo os critérios de noticiabilidade, que são definidos por Wolf (2008, p. 196) como “as operações e instrumentos com os quais as escolhas do que vai ser noticiado são feitas pelas empresas de comunicação”. Alguns desses critérios são: relevância, conflito, notoriedade, proximidade, novidade, escândalo, atualidade e outros.

Wolf (2008, p. 196) ainda completa, definindo os critérios de noticiabilidade como:

Conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícia. Sendo assim, a noticiabilidade está estreitamente ligada aos processos que padronizam e tornam rotineiras as práticas de produção: ela equivale a introduzir práticas de produção estáveis numa “matéria-prima” (os acontecimentos do mundo), por sua natureza extremamente variável e imprevisível.

Com foco na notícia quente, o jornalismo factual prende-se ao poder de relevância do objeto de abordagem, tratando-o de maneira fria, a partir do seu potencial de rentabilidade, de modo que o jornalista se preocupa em descobrir a quem interessa, se sempre será relevante e como fazê-lo chegar às pessoas.

Este modelo de jornalismo que narra o cotidiano e tem interesse pelo “valor-notícia” foi amplamente utilizado no período de início de pandemia, – sendo utilizado até o fechamento deste artigo – no Brasil, assim como em países do exterior, servindo de janela para um mundo que enfrentava um vírus, até então, desconhecido. Reportando novidades, atualizando números de infectados, divulgando a propagação da doença e as descobertas gradativas que iam sendo feitas, assim como seus sintomas e formas de contágio, o jornalismo serviu como estrutura mediadora entre o mundo e a população, que seguiu enfrentando situações de quarentena ao redor do Globo.

Jornalistas trabalhavam a fim de fornecer à população informações abrangentes e atualizadas sobre a pandemia da COVID-19, através de uma cobertura focada na realidade da crise: O que vinha acontecendo, expectativas para o futuro e as novas diretrizes divulgadas pelos governos locais e nacionais.

O professor Ferrareto, em parceria com Fernando Morgado (2020, p. 25), afirma em seu E-book “Covid-19 e comunicação: Um guia prático para enfrentar a crise” que “a difusão de informação com responsabilidade faz parte do processo de combate à pandemia” e completa afirmando que (2020, p. 30) “ética e responsabilidade andam de mãos dadas no apoio que a comunicação pode prestar à pandemia de Covid-19”. O E-book, inclusive, foi criado com o objetivo de orientar, de forma didática e concisa, os profissionais de comunicação, durante o período de pandemia.

Um dos grandes pontos de dificuldade do jornalismo na cobertura dos avanços da COVID-19, no Brasil, foram os órgãos políticos. O presidente Jair Bolsonaro, cargo maior do poder executivo, rejeitava os impactos da pandemia e não acreditava no potencial de transmissão da doença, como já foi citado neste artigo. É fato que a crise política afetou a

apuração dos reais números da pandemia, assim como dificultou a atuação de demais setores do governo, como o Ministério da Saúde, que teve seu trabalho atrasado devido as constantes trocas de ministros responsáveis por este setor no país.

Danielle Telles, doutora em saúde pela UFJF, em entrevista para o portal da Universidade Federal de Juiz de Fora em abril de 2020, em meio às consecutivas mudanças de Ministros da Saúde no país, declarou:

É difícil conseguir mensurar e elencar todas as consequências. Estamos vivenciando uma pandemia sem precedentes dentro de um contexto socioeconômico que já se anunciava caótico e diante de um sistema de saúde que vem agonizando e lutando para resistir. A batalha contra o coronavírus, por si só, é um imenso desafio, mas ganha outros contornos no Brasil. A mudança da pasta coloca em risco toda a continuidade das ações e estratégias planejadas com um prejuízo maior aos grupos sociais e sujeitos mais vulneráveis. É como trocar os quatro pneus de um carro com ele andando em alta velocidade e de forma desgovernada. Toda mudança de gestão envolve tempo, e tempo é o que não temos neste momento.⁹

A dificuldade em se ter acesso aos números reais e diários da pandemia no Brasil fez com que meios de comunicação se unissem e formassem, o que ficou conhecido como *Consórcio dos Veículos de Imprensa*, afim de fazer circular de forma efetivas, as informações obtidas por iniciativas da própria imprensa. Trata-se de uma parceria estabelecida entre representantes do Grupo Folha, Grupo Globo e Grupo Estado, afim de combater a desinformação no Brasil. O Consórcio recebeu o Prêmio ANJ de Liberdade de Imprensa 2021, em dezembro do mesmo ano.¹⁰ Esta iniciativa reforça a importância e protagonismo do jornalismo cotidiano, no combate ao atraso e a insciência, frente as novas realidades de mundo, e sustenta a necessidade do jornalismo em combate à propagação de *fake news*, um dos grandes males que também afetou a pandemia no Brasil.

Através da força e veracidade de imagens que descreviam a situação de pandemia no país, bem como as informações coletadas durante o processo de combate à desinformação, o jornalismo factual se transformou na principal fonte de atualização sobre os ocorridos em sociedade. Informar através de imagens fortes, com grande potencial de viralização nas redes sociais, além de mostrar a realidade de forma nua e crua, foi uma forma de educar a população

⁹Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2020/04/17/a-instabilidade-politica-e-a-pandemia-no-brasil/>
Acesso em: 29/12/2021

¹⁰ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/projeto-comprova-e-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-recebem-premio-anj-de-liberdade-de-imprensa.b7a6e71d5faf6382df68180f4361bf1fg5qol20f.html>
Acesso em: 29/12/2021

frente as novas ordens sociais e uma cartilha de comportamento, sobre como se portar de forma segura e consciente para combater a doença.

Para Ferrareto e Morgado (2020, p. 19):

Imagens são mais informativas do que palavras. Nos espaços virtuais, independentemente do tipo de veículo, o recurso aos recursos gráficos é importantíssimo. Tais imagens servirão, por exemplo, para demonstrar como se faz a higiene das mãos ou como se usa os não as máscaras. Auxiliam, ainda, na compreensão de cadeias de assistência médicas ou de situações envolvendo abastecimento ou finanças.

Combater a pandemia era, sobretudo, descobrir novas formas de se conectar e comunicar à população, de forma direta e clara, escolhendo os meios necessários para conscientizar, muito além de passar a informação. Esse modelo tradicional, por consequência, e em virtude da necessidade de novas abordagens dos fatos, abriu margem para a elaboração e disseminação de novas formas do fazer jornalístico, seja focada em uma abordagem mais ampla do fato, de modo a admitir tom investigativo, ou mesmo com foco no personagem, humanizando e contando uma história acerca do ponto de vista do protagonista.

O contexto exigiu dos jornalistas e dos setores de comunicação um olhar mais paciente em relação ao que estava acontecendo no mundo. Muito além da notícia, existiam as vidas sendo perdidas diariamente, além das famílias que não podiam enterrar os seus entes queridos e viam no noticiário a transformação daquela perda em estatística.

Ferrareto e Morgado, (2020, p. 27) falam sobre a necessidade de reflexão acerca dos dados constantemente recebidos em um viés de pandemia e aponta que a forma como essas informações são noticiadas afetam diretamente o consumidor da notícia, assim como a difusão dela em sociedade. Para os autores, isso “não significa praticar a autocensura, mas ter responsabilidade sobre a narrativa e seus efeitos na sociedade”. Eles também elucidaram a respeito das fontes da notícia e quem pode ser considerado figura de autoridade, em uma situação de combate à pandemia em um país. Ainda que considere autoridades, como presidentes e governadores, fontes inevitáveis a serem ouvidas, mesmo negacionistas, os autores apontam que “cabe aos profissionais questioná-las, inclusive, sobre a incoerência de suas posições”.

3. O JORNALISMO LITERÁRIO COMO RECURSO PARA HUMANIZAÇÃO DA NARRATIVA TELEJORNALÍSTICA

Tratar a notícia de forma humanizada deixou de ser uma vontade e passou a ser uma necessidade, em vista da crise sanitária e política que assolava o país. Segundo Mendes e Queirós (2017, p. 158) “o novo jornalismo, ao inserir novas possibilidades de análise da “realidade” e levar para a superfície do texto o aparato conceitual por meio do qual os fatos são ordenados no discurso, fornece um cabedal de instrumentos que convergem para leituras mais aprofundadas na urdidura do texto jornalístico e de esquadramento do mundo”.

“Uma forma de amenizar não só o texto jornalístico, como a própria vida. O jornalismo deve aprender com a literatura a capacidade narrativa, assim como a literatura pode aprender com o jornalismo a rapidez e a busca pela objetividade”. (CASTRO; GALENO, 2002, p. 26)

Nesse novo modelo jornalismo e literatura se fundem, em nome da construção da narrativa, em que um admite característica do outro.

O novo jornalismo instaura assim uma configuração discursiva cuja ênfase recai sobre a linguagem, a textualidade e sobre as narrativas – estejam elas assentadas sobre a matriz histórica, jornalística ou literária. Importa destacar que o compósito das estruturas lítero-factuais não elide a necessidade da evidência histórica ou jornalística, toda, reordena os limites das linguagens pelas quais elas são descritas, de tal modo que a história possa modificar, e não apenas validar a compreensão que se tem do mundo” (MENDES; QUEIRÓS, 2017, p. 158).

O escritor e crítico literário Antônio Olinto, ainda em 1968, faz uma curiosa observação ao mencionar que a prática jornalística já foi considerada como uma espécie de “literatura sob pressão”. Para Olinto, “o jornalismo tem, fundamentalmente, as mesmas possibilidades que a literatura, de produzir obras de arte”. (1968, p. 17)

O jornalismo literário caminha na contramão dos segmentos jornalísticos habituais, fugindo da padronização que consoma as matérias da área. Nasce da necessidade de ir além do óbvio, consumir a notícia. “O fazer jornalístico como processo de significação e ressignificação exige observação/percepção, reflexão e expressão de mundo. Por isso os jornalistas devem ir além do “dar a notícia para compreender os fenômenos sociais e compartilhar esta compreensão. Assim, o fazer jornalístico supõe a busca da essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais” (ALVES E SEBRIAN, 2008, p. 02).

Segundo Sofia (2011, p. 29), “o gênero jornalístico-literário surgiu das primeiras combinações de recursos literários com técnicas de investigação jornalísticas, que deram origem a obras de ficção inspiradas na vida real” Já Pena (2006) acredita que uma das bases do jornalismo literário é o rompimento com as construções primárias do *lide*, abandonando as seis questões principais a serem respondidas sobre a notícia – Quem?, como?, onde?, quando?, o

que? e porquê? – ou as deixando em segundo plano. Mais importante que abordar o fato que levou à notícia é destrinchar os pormenores do seu personagem, isso quando, como é possível acontecer em alguns casos, o próprio personagem não é a notícia.

Esse modelo de jornalismo trabalha com a humanização da notícia, focando no personagem. A linguagem, com predominância narrativa e descritiva, é uma das principais características, o que diferencia o jornalismo literário dos segmentos de jornalismo tradicionais. “Busca a essência das ações humanas – É um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado” (ALVES e SEBRIAN, 2008, p. 02).

Com foco na narrativa, predomina-se a liberdade de estilo em relação ao que é escrito, lembrando um modelo de texto com características que remetem ao literário.

Há a preocupação com a forma como o protagonista é representado, cabendo um olhar diferenciado, que capta a emoção da narrativa, atraída pela força do relato. “Ao se relacionar com os parceiros de aventura contemporânea, o comunicador, preocupado com a humanização experimenta a interação sujeito – sujeito, bem diferente do enquadramento do outro como objeto a ser relatado. (MEDINA, 2003, p. 135). “Os autores da narrativa da contemporaneidade abdicam, então, da arrogante divulgação dos fatos, rejeitam o protagonismo oficial e questionam os juízos de valor estereotipados. (MEDINA, 2003, p. 133). A maneira como a narrativa é construída, deixando o fato em segunda ordem, é o grande trunfo do jornalismo humanizado.

Apropriando-se de características que representavam o gênero narrativo, o jornalismo literário foi considerado, por muito tempo, uma grande incógnita por jornalistas e estudiosos da área, que esbarravam em uma proposição que definisse o gênero em sua área de atuação. Não à toa, foi nomeado de diversas formas, com o passar dos tempos, antes de admitir o termo pelo qual é conhecido atualmente.

“Jornalismo narrativo, Literatura da realidade, Literatura criativa de não-ficção” (LIMA, 2016) são alguns exemplos de nomenclaturas destinadas ao segmento.

O jornalismo literário está, mais precisamente, e como é defendido por alguns autores, “mais ligado ao estudo do formato, do que propriamente do conteúdo ou dos processos produtivos” (MARTINEZ, 2017, p. 25). Estabelecer uma forma narrativa criativa e envolvente se torna muito mais importante do que no tema abordado ou proposto. Lima (2009, p. 352) o definiu como um segmento “que ao longo do seu desenvolvimento importou técnicas da literatura de ficção, adaptando-as para histórias da vida real”, enquanto Pena (2006) defende a amplitude do tema e aponta que:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania romper as correntes burocráticas do LIDE, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 06).

Por mais que não cheguem a um consenso, pesquisadores e estudiosos da área defendem que o jornalismo literário tenha dado os seus primeiros passos em meados do século XVIII. Martinez (2017 *apud* GROTH, 2011. p. 26) aponta que ele surge “quando as características modernas do jornalismo e, por extensão, do jornalismo literário podem ser identificadas: Periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade”.

Faria (2011, p. 29), por sua vez, concorda e acrescenta que “o gênero jornalístico-literário surgiu das primeiras combinações de recursos literários com técnicas de investigação jornalística, que deram origem a obras de ficção inspiradas na vida real”.

Martinez (2017, p. 26) cita que os primeiros exemplos da prática no Brasil datam do século XX, a partir do estudo das obras de Euclides da Cunha (1944) e João do Rio (1976).

No mesmo século, em meados de 1960, surgia nos Estados Unidos da América, em consecutiva despontando para o Brasil e na Europa, um movimento considerado revolucionário para a época, que ficou conhecido como *New Journalism*. Segundo Faria (2011, p. 29), era “muito semelhante ao jornalismo interpretativo, ambos se inspiraram na corrente realista que vingava desde a segunda metade do século XIX, propondo uma observação atenta e objetiva do mundo”.

Este movimento estimulou o recurso a formas literárias em jornalismo, advogando a utilização cruzada de métodos jornalísticos de investigação com técnicas de escrita literária, o que estimulou não só a criatividade em jornalismo, mas imprimiu também a sensação de liberdade em obras de literatura. A publicação de histórias reais ou baseadas em fatos – Como nas obras de não-ficção e /ou pseudo-factuais – é detentora de um enorme interesse humano, e permite ao jornalismo dinamizar-se e transcender a dimensão comercial dos padrões jornalísticos tradicionais. (FARIA, 2011. p. 27).

Ainda que conseguindo o seu espaço e derrubando barreiras do fazer jornalístico, o jornalismo literário está longe de ser meio comum de informação, isso porque, como define Martinez (2017, p. 07), esta é uma modalidade para poucos.

A cobertura jornalística literária, no que aponta a autora pede “um profissional com sensibilidade apurada para a questão da alteridade, isto é, a abertura para a tentativa da compreensão do outro, sem que haja necessidade de endossar a visão de mundo”.

Dessa forma, não é qualquer jornalista que será capaz de contruir um texto ao estilo humanizado, é preciso ter empatia e sensibilidade na hora da construção e abordagem da narrativa.

JORNALISMO FACTUAL	JORNALISMO HUMANIZADO
Considerado o olho que tudo vê e que busca maneiras eficientes de levar dados e esclarecimentos ao grande público, com a incumbência de informar.	Jornalismo e literatura se fundem, em nome da construção da narrativa, em que um admite características do outro.
É importante formador de opinião.	Caminha na contramão dos segmentos jornalísticos habituais, fugindo da padronização que consuma as matérias da área.
Aquilo que é mostrado e a maneira como os fatos são apresentados tornam-se pontos significativos para a construção de pensamento crítico do espectador, entregando a ele informações mastigadas, capazes de emitir opinião.	Rompimento com as construções primárias do LIDE.
Proposta de apoio à população, garantindo a repercussão e documentação de fatos cotidianos de maneira objetiva.	Humanização da notícia, focando no personagem. Predominância narrativa e descritiva.
O objeto de comercialização do factual é a notícia.	Liberdade de estilo, em relação ao que é escrito, lembrando um modelo de texto com características que remetem ao literário.
Prende-se ao poder de relevância do objeto de abordagem.	A maneira como a narrativa é construída, deixando o fato em segunda ordem, é o grande trunfo do jornalismo humanizado.

Amplamente utilizado no período de pandemia, servindo de janela para um mundo que enfrentava um vírus, até então, desconhecido.	Surgiu da necessidade de tratar a notícia de maneira mais humanizada, em vista da crise sanitária e política que assolava o país.
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

4. QUADRO DE HOMENAGENS DO FANTÁSTICO – UM ESTUDO DE CASO

No dia 10 de maio de 2020,¹¹ o programa Fantástico, da Rede Globo de televisão, iniciou um quadro de homenagens dentro do semanal, com o objetivo de homenagear as vítimas do Covid-19 no país. Com a premissa principal de dar rosto e voz às vidas ceifadas pela pandemia no Brasil, o quadro com duração aproximada de 10 minutos, narrava as histórias das vítimas de forma leve e poética, seguindo um roteiro que destacava as suas qualidades e sonhos, interrompidos após a doença.

Como incentivo à força da mensagem, o quadro contou com o apoio de atores e personalidades conhecidas pela grande mídia, que narravam as histórias das vítimas. No *casting*, nomes como: Tony Ramos, Antônio Fagundes e Taís Araújo. Para cada bloco do semanal, haviam três ou quatro histórias, somando em média 20 narrativas curtas apresentadas por programa, em seus primeiros episódios.

O quadro é inspirado em uma iniciativa pensada para o meio digital, que resultou na criação do site “*inumeráveis.com.br*”, criado no dia 29 de abril de 2020, pelo artista Edson Pavoni, em parceria com Rogério Oliveira e demais jornalistas.¹² A plataforma visava prestar uma última homenagem às vítimas da Covid-19 no Brasil, através da publicação aberta de amigos, parentes ou conhecidos dos mortos, que poderiam compartilhar histórias, fazer tributos póstumos ou mesmo se despedir das vítimas. Segundo o programa Fantástico, o site é “um serviço que tem reconfortado milhares de famílias no Brasil, transformando os números em histórias de vida”.¹³

Em entrevista ao Fantástico, Rogério Oliveira explicou a intenção do conteúdo e como a essência das lembranças de parentes e amigos das vítimas são cooptadas durante entrevistas

¹¹ Pouco mais de dois meses depois que o primeiro caso de Coronavírus foi confirmado no Brasil, no dia 26 de fevereiro, segundo dados do Ministério da Saúde.

¹² Jornalista e empreendedor na área social há mais de 10 anos, viu na iniciativa de criação do site uma forma de não deixar que a memória das vítimas se perdesse através do crescimento no número de óbitos.

¹³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8559817/?s=0s> Acesso em: 29/07/2021

e como isso implica na mensagem final que vai para o site. “Quando a gente percebe a tristeza, obviamente que tem um peso no início da conversa, mas a gente tem conseguido até encontrar uma forma de começar pela tristeza, mas, realmente, depois puxar para todas as boas lembranças que essas famílias e amigos têm da vítima, então, realmente, se torna um processo, ao final, leve. Muitas vezes, a gente dá risada durante uma entrevista com alguém lembrando das histórias da família”.¹⁴

No dia 10 de maio de 2020, quando o primeiro episódio foi exibido, o Brasil havia alcançado o número de 11 mil mortos por Covid-19 no país. O quadro ficou em exibição até o dia 20 de setembro de 2020, resultando em cerca de 20 episódios produzidos.

4.1 ANÁLISE DO QUADRO

Para análise das características do jornalismo literário no que diz respeito à humanização de narrativas, foram analisados 2 episódios do quadro de homenagens do Fantástico, referentes aos dias 02 e 09 de agosto, respectivamente. Este, foi um mês em que os casos de Covid tiveram aumento expressivo, entretanto sua escolha se deu por mera escolha de análise deste autor.”

Uma das características que mais evidenciam a presença deste modelo de narrativa é o foco no personagem, através do exercício pleno da cidadania, que segundo Pena (2006, p. 50) “quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade”. Esse exercício da cidadania, como defende o autor, vai ao encontro dos princípios básicos do jornalismo literário, ao tratar a notícia de maneira humanizada, preocupando-se com a forma como o fato é contado, muito além do acontecido.

Ao exibir o quadro de homenagens em um período de ascensão da pandemia no Brasil, o programa Fantástico utiliza deste recurso para conscientizar a população, através das narrativas humanizadas e histórias de vida contadas de maneira poética.

Esses modelos de produções, livremente concebidas como crônicas televisivas, têm um objetivo além das reportagens concebidas em formato de jornalismo factual e esperam despertar no espectador emoções e sentimentos, que o factual ignora, por ter compromisso com a divulgação da notícia. Jornalismo e literatura se encontram na forma como o texto é construído e o personagem, apresentado.

O episódio do dia 02 agosto de 2020, um trecho narrado pelo ator Ailton Graça, que conta a história do alagoano Sérgio Ricardo de Almeida Alves, diz:

¹⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8544281/?s=0s> Acesso em: 29/07/2021

O Alagoano era alegria, era força, era fé. A geografia de sua alma não tinha fronteiras. Por isso, convertia a distância de cada quilômetro em uma possibilidade de encontro. Se um amigo fazia aniversário, era o primeiro a enviar áudio no grupo e ainda garantia a felicitação no privado. E o tanto de chamadas de vídeo. Inumeráveis, em quantidade e importância. Assim, é justo pensar que o não envio de um bilhete ou um áudio de despedida é um recado que confirma a vida dele. Sérgio sempre será lembrado em forma de ‘Bom dia’, de risada, de lei que convoca o mundo a ouvir Raça Negra e ao ecoar de um bom e velho forró Nordestino. (FANTÁSTICO, 2020).

Ao contar a história de Sérgio, o narrador utiliza de sua humanidade para construir uma narrativa sob um ponto de vista que o favorece e evidencia o caráter positivo da sua trajetória. Muito além do fato de sua morte, há a construção e destaque do protagonista, o que garante um tom maior de importância à sua história, anterior ao fato.

Martinez (2004) aponta que a construção deste modelo de narrativa

parte de questões sutis, como a imaginação e os auxiliares sobrenaturais – Tanto internos, quanto externos – para relatar a evolução que passa o herói durante sua jornada em direção a patamares ampliados de consciência. Além disso, é importante notar que este ganho ultrapassa a dimensão pessoal, refletindo-se em nível comunitário e/ou humanitário”. (MARTINEZ, 2004, p. 03).

Essa humanização de acordo com as perspectivas do personagem da notícia caminha ao encontro da construção da trajetória do herói, através de um caráter jornalístico. (Lima *apud* MARTINEZ, 2004, p. 04) “sintetiza a jornada em oito etapas (cotidiano, recusa, desafios, caverna profunda, desafios, recompensa e retorno). O pesquisador sugere um elenco de coatores mais definido que o sugerido por Vogler, propondo a terminologia de inimigo e adversários (Enquanto o primeiro é a força motriz que testa o herói, os segundos são competidores que tentam bloquear seu caminho”.

De acordo com a autora, esses adversários podem ser caracterizados como traumas internos ou intempéries que ameaçam abalar o percurso do protagonista. Para que essa narrativa seja construída é necessário potencializar os recursos do jornalismo, o que é descrito por Pena (2006) como a primeira ponta da estrela de sete pontas, utilizada pelo pesquisador para descrever o jornalismo literário. Com isso, o repórter “acaba constituindo novas estratégias profissionais” (PENA, 2006 p. 49), enriquecendo a narrativa.

Características do jornalismo tradicional também são asseguradas, afim de garantir a qualidade do discurso, como “a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas” (PENA, 2006, p. 49).

O quadro de homenagens do programa dispõe de narrativas escritas por amigos e familiares das vítimas da COVID-19, transformando-os em fontes da notícia e assegurando a qualidade da informação, através da construção de relatos extremamente pessoais e que validam a existência da pessoa ali apresentada. Pena (2006, p. 50) defende a importância de se ouvir essas fontes de notícias: sujeitos comuns, fontes anônimas, para garantir a ótica de pontos de vista que nunca foram abordados.

Um dos relatos exibidos no dia 09 de agosto de 2020, narrado pelo ator Marcelo Serrado, conta a história de amor do casal Wilson e Geni Valeriano. De maneira sensível, focada na abordagem do sentimento do casal, o narrador aponta fatos importantes e que são interessantes ao objetivo do relato, evidenciando a trajetória de ambos.

Essa é a história de um casal: Wilson e da Geni. Menino do interior de Minas, Wilson levava na cabeça um cesto de abóbora para vender na escola, de pés descalços. Já a Geni, aos oito anos, foi morar na casa de família abastarda, ajudava nas tarefas domésticas em trocas de cuidados e alimentação. Ela viveu ali, até que conheceu Wilson e formou uma linda família. Anos depois, mesmo separados no papel, eles nunca deixaram de ser amigos. Nunca. Em seu aniversário de 78 anos, Geni recebeu a visita de Wilson. Ele não sabia que estava contaminado pela Covid-19. Geni estava há mais de 90 dias na quarentena. E após 34 dias de luta contra o novo coronavírus, Wilson não resistiu. Geni, sua companheira de toda uma vida, faleceu seis dias depois. Deixaram 4 filhos, 6 netos e 1 bisneto. E muita saudade. (FANTASTICO, 2020).

Esse modelo de narrativa abre espaço para a construção do lúdico, através de artifícios utilizados no jornalismo literário para sensibilizar o leitor ou, no caso, telespectador. O próprio sentimento do casal pode ser considerado o protagonista do relato, que apresenta percalços, ao passar por uma separação e encontrar sua razão na amizade. Ao considerar o sentimento como o protagonista, Wilson e Geni tornam-se personagens secundários, que caminham para levar o protagonista à trajetória de sucesso.

A construção da narrativa do herói é focada na elaboração da trajetória do protagonista do relato. As perguntas que compõem o *lide* perdem a força de primeira e dão espaço para outras perguntas, que levam o espectador a criar simpatia pelo personagem do relato.

Focar na trajetória do personagem, em outras palavras, é contar a sua história de maneira humana e empática, de modo a gerar no espectador um sentimento de proximidade e adesão ao que lhe é contado. Serelle (2020, p. 55), afirma que “a singularidade da personagem atua onde a generalização é insuficiente para extensão da nossa empatia. [...] O jornalismo narrativo compartilha desse preceito, contudo, como narrativa social não pode obliterar o contexto”.

Serelle (2020, p. 61) também aponta que

A reportagem mais densamente narrada constrói, a exemplo da ficção, personagens de vida interna a que o leitor pode se vincular afetivamente. (...) A empatia nas narrativas (literária e jornalística) é tomada como valor quase inquestionável, uma vez que seria fonte moral e de solidariedade.

Pena (2006, p. 50) define esta como a quarta ponta da estrela de sete pontas, utilizada pelo autor para caracterizar o jornalismo literário: O exercício da cidadania e argumenta que o jornalista “ao escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum e para a solidariedade”.

Cajazeira (2010, p. 73) argumenta que:

No telejornalismo, o repórter fornece ao cidadão a possibilidade de fuga do anonimato, recurso que se tornou célebre na forma de narrar os fatos estabelecidos inicialmente pelo chamado Novo Jornalismo. Na narrativa audiovisual, o telespectador se envolve, junto com o enunciador/narrador e o enunciatário/público, numa co-participação do objeto não ficcional permeado de efeitos de sentido que garantem a melhor compreensão da realidade da história.

Com sua exibição em um momento de pandemia e de aumento de casos da COVID-19, com consecutivas mortes, o quadro do Fantástico tem papel solidário ao fazer memórias póstumas às vítimas, servindo de acalento e amparo para as famílias, que veem histórias de seus entes queridos contadas na televisão, utilizando deste recurso do jornalismo literário como forma de cumprir função social.

Além de verem suas narrativas sendo contadas, os próprios familiares podem escrever sobre os seus entes falecidos, expandido a qualidade da narrativa, ao se tratar de relatos extremamente pessoais, e permitindo que sejam contados por figuras conhecidas da grande mídia.

Para além de sua homenagem e compromisso com as famílias, há também o uso do alcance do programa Fantástico para chamar atenção da população através da narrativa humanizada, o que incentiva a empatia, expandindo a sua função social.

As vozes da narrativa são a descrição e o diálogo, recursos que permitem a elaboração do relato humanizado. Segundo Marques, citado por França (2008, p. 27),

No jornalismo a função predominante é a referencial, pois caracteriza-se por ser informativa. Um mesmo texto pode apresentar mais de uma função, mas na maioria das vezes, somente uma predomina. [...] Um texto pode ser considerado literário quando não se faz uso de repetições, frases prontas, o que é comum a textos jornalísticos. O autor ainda acrescenta que no jornalismo existem gêneros que possibilitam utilizar de técnicas literárias.

Pena (2006, p. 49) afirma que “a preocupação do jornalismo literário é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” Nesse modelo de narrativa, o repórter se coloca na situação abordada, seja despejando a sua emoção ou criando experiências, a partir de vivências que o dão capacidade de falar sobre o universo sugerido. Para expandir a sua capacidade de produção do texto, o autor se insere no ambiente, vivendo a narrativa de maneira mais imersiva. Pena (2006, p. 49) completa dizendo que “para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração”.

Para a elaboração dos textos narrados no quadro do Fantástico, produzidos pelos próprios parentes e amigos das vítimas, foi imprescindível a imersão no ambiente. Aqui percebe-se o espaço para o diálogo, ou seja, a fala do outro. Característica de produções do jornalismo literário e da humanização do relato.

Um dos relatos exibidos no dia 09 de agosto de 2020 conta a história de dona Beraldina José Pedro, nascida em Maturuca, terra indígena Raposa Serra do Sul - Roraima, de modo simplório e intimista.

Ela só falava a linguagem do amor. Aliás, deveria se chamar “Amorosa”. E tinha fé. Sabe aquela fé que move montanhas? E foi entre as montanhas que fez descer para o mundo as águas das suas raízes às entranhas da terra. Ela fazia os seus rituais de benzimento para afastar o bicho do adoecimento. E acho que foi por isso, acho que foi por amor que ela o contraiu: Ou abraçando alguém ou fazendo o benzimento em uma criança que estava adoentada ou recebendo várias pessoas na sua comunidade, a quem chegasse, mas é desse amor absoluto de Beraldina que devemos nos lembrar, da guerreira que inspira revolta e justiça sempre. Sempre (FANTÁSTICO, 2020).

O modo como é construída a narrativa de dona Beraldina tem compromisso com a sua trajetória e demonstra os flertes do jornalismo literário com a linguagem conotativa, ao utilizar de metáforas para explicar a sua relação com a natureza e o amor pela terra. Embora o fato de sua morte tenha sido o fio mediador para a construção do relato, ele é deixado em segundo plano para sobrepôr a história de vida da personagem da notícia.

A humanização está presente na forma como dona Beraldina é apresentada e construída, relatada através de seus gostos e prazeres, deixando de lado o universo denotativo para garantir a imersão dos espectadores em sua essência.

Da mesma forma, acontece com a narração da história do padre João da Silva, nascido em São Carlos - SP, que em sua construção é apresentada um episódio específico de sua vida,

dando a oportunidade ao espectador conhecer a sua história através do caso que descreve a sua essência de maneira imersiva. Não falando, mas mostrando através de um exemplo. Este é também um modo de compromisso com a narrativa.

João era sinônimo de fé, foi ordenado padre em 1999 e visitava hospitais no ato nobre de espalhar amor pela vida. Numa das visitas em Brasília conheceu André, seu diagnóstico: HIV Positivo e câncer. As primeiras palavras do moço foram rudes: Não quero falar de Deus. Num ato simplório, o padre respondeu: Não estou para falar de Deus, quero saber de você. Deste ato, surgiu uma amizade forte e linda, muito linda. Mais que um sacerdote, o padre João foi um amigo gigante. Ele não morreu, encontrou-se na eternidade ao lado de Deus, que lhe concede a benção de continuar olhando e iluminando todos nós”. (FANTASTICO, 2020).

O fazer literário dá ao jornalista a oportunidade de romper as barreiras do LIDE e decidir a melhor forma de contar a sua narrativa, tendo compromisso apenas com a verdade e com a forma como deseja retratar os fatos.

Segundo Serelle (2020, p. 50),

No jornalismo narrativo a descrição também pode ter função de comprovação, à diferença de que a reportagem é um gênero pertencente a uma série discursiva que não reconhece sua ficcionalidade e, nela, o efeito de real é forma de legitimação (Não de verossimilhança), que nos leva a outro grau de autenticidade.

As palavras do autor servem como argumento para justificar a narrativa do padre João, que, através do uso de exemplos de sua trajetória – No caso, a sua amizade com André – admite a comprovação de sua benevolência, citada anteriormente pelo narrador.

Humanizar a narrativa é, além de tudo, ter respeito e empatia pela história do personagem da notícia, bem como pelo objeto de narração.

Esse respeito corresponde a forma como a narrativa é construída, de modo a entregar um relato que sirva como uma espécie de ferramenta social e atraia a atenção das pessoas por motivos verossímeis.

Segundo Cajazeira (2010, p. 77):

A realidade que a mídia constrói do destinatário fundamenta-se no desejo do destinador em criar uma identidade real midiática na qual o público se reconhece ao ver a imagem do outro na mídia, o telespectador legitima a identidade mediada pela TV e a reconhece no espaço e tempo dos noticiários.

Segundo Alves e Sebrían (2008, pág. 10) “é importante o comunicador privilegiar a história de vida, a particularidade humana justamente com a abstração conceitual”.

No relato lido pela atriz Mariana Ximenes, e exibido no dia 02 de agosto de 2020, é possível conhecer a história de Elisa Inês da Silva, mais uma das vítimas. A leitura evidencia as qualidades da personagem da notícia, humanizando a sua trajetória, ao destacar os pontos que a faziam especial e inesquecível:

Como esquecer o sorriso sincero e a risada gostosa da tia Isa? Ela foi cozinheira-chefe de uma escola em Campinas e deixou doces memórias. Era a tia do coração. A sua cozinha era mágica, acalmava os alunos com as suas guloseimas e afagos. De braços abertos, sorridente, com seu inseparável turbante na cabeça, tinha sempre disponível um abraço. Era mestra das lições mais simples: Amar, servir, se doar, sem distinção. Quando a filha Angelina faleceu, vítima do coronavírus, seis dias depois, ela também teve que ir embora. Não era só gente, tia Isa era anjo” (FANTÁSTICO, 2020).

O jornalismo humanizado dá ao espectador a oportunidade de conhecer a notícia por ângulos distintos, ao evidenciar pontos, que, por ventura do grau de necessidade da informação e seus critérios de noticiabilidade, acabam sendo deixados de lado pela rapidez do jornalismo factual, que privilegia os dados principais e mais relevantes para garantir a veracidade daquilo que é divulgado. Com ele, o personagem da notícia ganha a oportunidade de contar a sua história e se apresentar, alheio ao fato ou acontecido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fio condutor de narrativas do cotidiano através de uma ótica empática, o relato humanizado torna-se aliado importante do repórter que objetiva despertar emoções, através de seu relato.

Muito além do sentimento de tristeza, assombro ou curiosidade, este modelo de narrativa surpreende ao aproximar o espectador, apresentando um universo através de seu ponto de vista, na maneira em que constrói o seu relato, o elabora e apresenta, apostando na imersão de quem o acompanha, para alcançar os seus objetivos.

A forma como a história dos personagens da notícia são contadas e construídas despertam sentimentos, até então, não acessados por aqueles que, felizmente, não estiverem parentes perdidos pelas vítimas da Covid-19.

Despertar emoção é um dos maiores desafios do fazer jornalístico. É necessária sensibilidade e confiança no que está sendo escrito e descrito. Caso não acredite ou se deixe levar pelas histórias que conta, o jornalista não consegue passar credibilidade à narrativa. O

jornalismo literário é sobre conversar com um espectador, através de uma ótica humana e cidadã.

Através de traços do jornalismo literário é possível defender o personagem da notícia, apresenta-lo além do fato e destacar as suas atribuições sem levantar partido.

Como instrumento de conscientização, o jornalismo de caráter humanizado atua como uma ferramenta, de base escrita ou visual, que funciona como meio de suporte ao debate de temas sociais profundos, de maneira humanizada. Quando se trata de temas sociais complexos, como tragédias ou mortes, o formato do factual não se aplica, havendo a necessidade de ir além. O contexto pandêmico envolve questões difíceis e para transmitir o olhar de acolhimento e abrando, carece de uma abordagem que vai além do factual, aplicando-se, dessa forma, artifícios do jornalismo literário.

No tocante a conscientização e uso de características do jornalismo literário, o programa Fantástico fez isso bem, pois desenvolveu narrativas a partir de um relato humanizado, com linguagem literária, que culminou em um produto capaz de conferir humanidade. Há fatos que a partir do factual, seriam retratados como estatística.

Outra afirmação que se pode fazer sobre o quadro é que este tipo de narrativa conscientiza a população, ao aferir identificação de pessoas normais, telespectadores, com as histórias de vida dos personagens da notícia. Apresentar as suas histórias, momentos importantes de suas vidas e exibir uma narrativa que põe em segundo plano a condição de sua morte, desperta empatia de quem assiste, assim como emociona.

Produzir narrativas com características literárias requer, antes de tudo, sensibilidade e um olhar empático, para assim conseguir despertar no espectador os sentimentos de quem escreve ou serviu de inspiração para a narrativa.

REFERÊNCIAS

Administração / Maxwell Ferreira de Oliveira. Catalão: UFG, 2011. Manual (pós-graduação) – Universidade Federal de Goiás, 2011.

ALVES, Diviane Silva. LARA, Maria Carolina de Melo. ALVEZ, Fabiana Aline. **A Aplicabilidade do Jornalismo Humanizado, Literário e do Gênero Reportagem na Execução da Revista Retratos**. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da comunicação. Curitiba-PB. 2017.

ALVES, Fabiana Aline. SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Jornalismo Humanizado: O ser humano como ponto de partida e de chegada do fazer jornalístico.** Universidade Estadual do Centro-Oeste. 2008.

BELTRÃO, Luiz. Iniciação à filosofia do Jornalismo. 2. ed. São Paulo: Edusp/Com-arte, 1992.

BRIDI, Maria Aparecida. **A pandemia COVID-19: Crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil.** Scielo Brasil. 2020.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins. **O texto de TV e o novo jornalismo literário.** Mediação, Belo Horizonte. V. 11. N.10. Jan/Junho de 2010.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra.** São Paulo. Ed. Graal, 2002.

FARIA, Nidia Sofia. **Jornalismo literário: Um olhar histórico para o gênero e suas características.** Open Edition Journals. 2011. Disponível em: [Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características \(openedition.org\)](http://jornalismo-literario.um-olhar-historico-para-o-genero-e-suas-caracteristicas.openedition.org) Acesso em: 15/10/2021

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta.** São Paulo, SP: Estação das Letras e Cores, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. MORGADO, Fernando. **Covid-19 e comunicação: Um guia prático para enfrentar a crise (Livro eletrônico).** Rio de Janeiro. Valega. 2020.

FRANÇA, Viviane Amaral. **Jornalismo e literatura: Uma análise dos elementos jornalísticos e literários e seus hibridismos na construção dos perfis de Joe Gould.** 2008. Centro Universitário de Belo Horizonte.

GUEDES, Nícoli Glória de Tassis. **Jornalismo e construção social da realidade: Uma reflexão sobre os desafios da produção jornalística contemporânea.** XXXVII congresso Brasileiro de ciências da comunicação. 2009.

GUEDES, Nicoli Gória de Tassis. **Jornalismo e Construção Social da Realidade: Uma reflexão sobre os desafios da produção jornalística contemporânea.** Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Covid-19. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>.

LIMA, Edvaldo (2009). **Páginas ampliadas 1993.** São Paulo, Manole.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário.** Disponível em: <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.ph./jornalismo-literario-conceitos>. Acesso em 04 de julho de 2016.

- MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói:** A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. 2004.
- MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo literário:** Revisão conceitual, história e novas perspectivas. São Paulo. 2017.
- MEDINA, Cremilda. **Narrativas da contemporaneidade, caos e diálogo social.** Caminhos do saber plural: Dez anos de trajetória. São Paulo. ECA/USP. 1999.
- MENDES, Francielle Maria Modesto. QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. **Construção cena a cena:** A narrativa jornalística como mosaico lítero-factual em Chico Mendes: Crime e castigo, de Zuenir Ventura. São Paulo. 2017.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **A produção da imparcialidade:** A construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000200004> Acesso em: 20/10/2021.
- OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura.** Rio de Janeiro. Edições de ouro. 1968.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em
- PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito.** Encontro dos núcleos de pesquisa da INTERCOM. 2006.
- ROCHA, Mayara Miranda. **Última hora:** Instrumento político a favor de Getúlio Vargas. Universidade Federal de Ouro Preto. 2013.
- ROCHA, Paula Melani. **A importância da formação do profissional jornalista e sua relação com o meio ambiente no século XXI.** VI encontro dos núcleos de pesquisa da INTERCOM. 2008.
- RODRIGUES, Hila; AMARAL, Laio. **Jornalismo político e o enquadramento:** Uma análise da cobertura da ditadura militar pelo jornal Estado de Minas. Universidade Federal de Ouro Preto. 2012.
- Serelle, M. (2020). **A personagem no jornalismo narrativo:** empatia e ética. *Revista Mídia E Cotidiano*, 14(2), 44-64. <https://doi.org/10.22409/rmc.v14i2.42179> Acesso em: 08/11/2021
- WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** Editora Martins Fontes. 2008.